

## O PODCAST COMO LABORATÓRIO DE JORNALISMO EDUCADOR: UMA VISÃO A PARTIR DE PAULO FREIRE

*The podcast as a laboratory for Educator Journalism: a vision from Paulo Freire ideas*

*El podcast como laboratorio de Periodismo Educador: una visión desde Paulo Freire*

Eduardo Meditsch<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto propõe a definição de Jornalismo Educador considerando a função pedagógica do jornalismo. Historiciza a relação do Jornalismo com a Educação como áreas acadêmicas e registra a perda de contato entre elas. Recupera a problematização do jornalismo realizada pelo educador Paulo Freire. Por fim, aponta o potencial do podcast como laboratório para a experimentação de um Jornalismo Educador na perspectiva freireana.

**Palavras-chave:** Podcast. Função Pedagógica. Jornalismo Educador. Paulo Freire. Experimentação.

**Abstract:** This text proposes the definition of Educator Journalism considering the pedagogical function of all journalism. It historicizes the relationship between Journalism and Education as academic areas and records the loss of contact between them. It recovers the problematization of journalism carried out by educator Paulo Freire. Finally, it points out the potential of the podcast as a laboratory for the experimentation of an Educator Journalism in the Freirean perspective.

**Key-words:** Podcast. Pedagogical Function. Educator Journalism. Paulo Freire. Experimentation

**Resumen:** El texto propone la definición de Periodismo Educador considerando la función pedagógica de todo periodismo. Historia de la relación entre el Periodismo y la Educación como áreas académicas y registra la pérdida de contacto entre ellas. Recupera la problematización del periodismo hecha por el educador Paulo Freire. Finalmente, señala el potencial del podcast como laboratorio para la experimentación de un Periodismo Educador en la perspectiva freireana.

**Palabras-clave:** Podcast. Función Pedagógica. Periodismo Educador. Paulo Freire. Experimentación

---

<sup>1</sup> Doutor; Professor Visitante da Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. [emeditsch@gmail.com](mailto:emeditsch@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0001-6045-1178>

## **1. A perspectiva de um *Jornalismo Educador***

Neste trabalho, optamos por propor o termo Jornalismo Educador e não Jornalismo Educativo. Esta opção procura enfatizar uma atribuição intrínseca a todo o Jornalismo, em vez de limitar esse atributo a uma especialidade do mesmo, como quando falamos de rádio e TV educativas. No mesmo sentido, se poderia falar em Jornalismo Investigador, numa perspectiva mais ampla do que tem sido tratado o Jornalismo Investigativo, e assim para todos os atributos que, talvez por mau uso nas práticas do jornalismo hegemônico, acabam sendo estudados como especialidades exotéricas a essas práticas.

O debate sobre um Jornalismo Educador nos remete às origens do debate sobre as Ciências da Comunicação. Nos primeiros registros sobre a criação de uma Ciência da Comunicação nos Estados Unidos, a partir de um alargamento das escolas de Jornalismo, o modelo lembrado não foi o das Ciências Sociais, mas sim o da Educação. A área acadêmica da Comunicação começa a ser debatida na *Journalism Quarterly* nos anos 1930, bem antes de ser ocupada por Wilbur Schramm. E neste debate, que ocorreu antes de ser invadida e dominada como uma ciência de controle social de origem militar, a teoria do jornalismo estava ligada à teoria liberal da democracia. Por isso, quando começa a se discutir o desenvolvimento de uma ciência própria, esta era pensada como uma ciência análoga à Pedagogia. Em 1944, o professor de Jornalismo Agrícola, Bryant Kears, da University of Wisconsin, publica na *Journalism Quarterly*:

Existem muitos paralelos entre educação e jornalismo. Ambas são ciências da comunicação. Ambos lidam com a tarefa de transmitir informações, orientações, conselhos, atitudes emocionais e ideias de uma mente para várias outras. Como “estudos comunicacionais”, ambos se destacam de outros campos de investigação. Portanto, talvez existam outros paralelos entre as fontes sobre as quais recorrer e os problemas que surgem no ensino e na pesquisa dos dois campos. (KEARL, 1944, p. 154)

Ao propor a analogia do Jornalismo com a Educação, Kearsley se apoia nas ideias de John Dewey para a Ciência da Educação. A Ciência da Educação imaginada por Dewey (na década de 1920, quando ela ainda não existia) teria natureza multidisciplinar, com a busca de conhecimentos de várias disciplinas para a solução de problemas colocados pela prática educativa, e é nessa perspectiva de ciência aplicada que Kearsley coloca sua demanda por uma Ciência do Jornalismo, considerando ambas – Educação e Jornalismo – como “ciências comunicacionais”. John Dewey é inegavelmente uma das grandes influências presentes na obra de Paulo Freire, onde aparece citado diversas vezes, a partir da tradução de sua obra por Anísio Teixeira (DEWEY, 1965).

Mas a nossa área acadêmica evoluiu para um outro caminho. A hegemonia histórica das Ciências Sociais em nosso campo teórico, por não ter a mesma vocação para a prática que a Educação tem, fez com que este parentesco entre Jornalismo e Pedagogia fosse minimizado e esquecido. Certamente, a formação em Ciências Sociais não é desprezível para a prática Jornalística, como não é desprezível tampouco para a prática Pedagógica. No entanto, apenas uma inversão de método, como propôs e praticou Paulo Freire, pode potencializar este conhecimento acadêmico para uma efetiva transformação da realidade. A perspectiva praxiológica proposta por Freire para o estudo da Educação é o que nos pode permitir observar semelhanças e diferenças entre as práticas pedagógica e jornalística:

O estudo das formas de socialização de conhecimentos é fundamental para compreender as sociedades contemporâneas em sua construção e funcionamento, ambos tecidos em relações dialéticas permeadas pela intersubjetividade. A socialização protagonizada pelo Ensino Formal assume a tarefa maior da reprodução da cultura erudita, das ciências, das técnicas e das instituições, em crescente especialização. Pelo Jornalismo, se socializa a atualização imparável destes saberes pelo movimento da realidade, e se estabelece a comunicação possível entre as especificidades dos mesmos nos limites do senso comum. Como o Ensino Formal e o Jornalismo são agências socializadoras com características, propósitos e modos de ser específicos, atribuir às mesmas uma completa simetria é um equívoco. Recusar suas

aproximações e interconexões, no entanto, é também uma desconsideração sobre a complexa natureza desse cenário. É perceptível a particularidade de cada uma das práticas aqui analisadas em relação aos Contratos Comunicativos. Reconhecer a proximidade entre aspectos relativos à sua própria constituição é condição básica para que se possa avançar na busca por conhecer com mais acuidade as especificidades dos processos de socialização de conhecimentos a eles vinculados. (MEDITSCH: KRONBAUER, 2021, p. 51-52)

Já em conversa com Carlos Alberto Torres reproduzida no livro *A Educação na Cidade*, Paulo Freire resume essa sua metodologia praxiológica:

Saliento a necessidade de que, dentro do contexto teórico, tornemos distância do concreto, no sentido de perceber como, na prática nele exercida, se acha embutida a sua teoria de que, às vezes, não suspeitamos ou que mal sabemos. (...) A questão central que se coloca a nós, educadoras e educadores, no capítulo de nossa formação permanente, é como, do contexto teórico, tomando distância de nossa prática, desembutimos dela o saber dela. A ciência que a funda. Em outras palavras, é como do contexto teórico “tomamos distância” de nossa prática e nos tornamos epistemologicamente curiosos para então apreendê-la na sua razão de ser. É desvelando o que fazemos desta ou daquela forma, à luz de conhecimento que a ciência e a filosofia oferecem hoje, que nos corrigimos e nos aperfeiçoamos. É a isso que chamo pensar a prática e é pensando a prática que aprendo a pensar e a praticar melhor. (FREIRE, 1991, p.103-105)

Vários autores tem se dedicado a construir pontes teóricas entre o pensamento de Paulo Freire e o Jornalismo (CERQUEIRA, 2018; VIZEU, 2014; OLIVEIRA, 2017; IJUIM, 2013; MEDITSCH; 2003, EMPINOTTI; PAULINO, 2018, etc) com resultados promissores. Mas pouco ainda se tem avançado na proposição de práticas compatíveis com esta aproximação. O presente texto propõe que o podcast jornalístico, a partir de suas características e especificidades, pode ser um laboratório privilegiado para a pesquisa aplicada de um Jornalismo Educador numa perspectiva freireana, especialmente pelas condições potenciais de autonomia que esta mídia sonora apresenta, por sua possibilidade de romper o elitismo do jornalismo de qualidade, explorando a oralidade e a musicalidade para dar voz e potencializar ouvidos a setores habitualmente excluídos do mesmo, e pelo potencial de exploração estética

do recurso da montagem, que embora estivesse já presente no rádio desde o advento das gravações magnéticas, ficou em segundo plano neste meio devido ao empobrecimento das condições de produção nas emissoras cada vez mais voltadas para o ao vivo.

As características do ato educativo, como o enxergava Freire, estão igualmente presentes no Jornalismo:

(...) a educação é, simultaneamente, uma determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético. Essas três dimensões estão sempre juntas – momentos simultâneos da teoria da prática, da arte e da política, o ato de conhecer a um só tempo criando e recriando, enquanto forma os alunos que estão conhecendo. Creio, por isso, que quanto mais o educador percebe com clareza essas características do ensino, mais pode melhorar a eficiência da pedagogia. A clareza a respeito da natureza necessariamente política e artística da educação fará do professor um político melhor e um artista melhor. Ao ajudar na formação dos alunos, fazemos arte e política, quer o saibamos, quer não. Saber que, de fato, o estamos fazendo, irá ajudar-nos a fazê-lo melhor. (FREIRE; SHOR, 1987, p. 146)

No entanto, como o contexto concreto das práticas é sempre histórico e situado, as metodologias experimentadas por Paulo Freire na Educação não podem ser simplesmente transpostas para outras áreas e outras realidades: precisam ser reinventadas. Em seu livro dialogado com Ira Shor, Freire avança nesta constatação num sentido propositivo:

Não é por outra razão que sempre digo que a única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, algumas das proposições que fiz é exatamente refazer-me, quer dizer, não seguir-me. Para seguir-me, o fundamental é não seguir-me. (FREIRE; SHOR, 1987, p. 41)

## **2. Freire e a problematização do Jornalismo**

Paulo Freire deixou poucas ideias escritas sobre os meios de comunicação e o jornalismo, e algumas delas que não haviam sido escritas puderam ser recuperadas através de

depoimentos de pessoas próximas do educador, como sua viúva, filhos e parceiros de trabalho, que relembrou suas opiniões sobre a mídia, seus problemas e seus potenciais. Numa entrevista, ao ser informado sobre o trabalho teórico de Adelmo Genro Filho (1987) a respeito do jornalismo como forma de conhecimento, o educador considerou promissora a perspectiva de pensá-lo também como “uma teoria do conhecimento posta em prática”, como via a Educação (MEDITSCH; FARACO, 2003). A partir dessas referências, pode-se dizer que Freire valorizava o jornalismo como uma forma particular e diferenciada de ver e mostrar o mundo.

Em relação a esta diferença, FREIRE vai pontuá-la em dois momentos de sua obra. No terceiro livro dialogado com Sérgio Guimarães, quando este o interroga sobre o que levava na mala no momento da partida para o exílio, o pedagogo se dá conta da riqueza da pergunta - e de uma abordagem jornalística da realidade, a partir do singular - respondendo: “Assim, como jornalista, você evidentemente tem a sensibilidade da existência, não?” (FREIRE & GUIMARÃES, 1987, p. 70).

Num outro momento, reconhece o mérito do jornalismo como uma espécie de antídoto a uma ciência social tecnicista:

O descaso pelos sentimentos como deturpadores da pesquisa e de seus achados, o medo da intuição, a negação categórica da emoção e da paixão, a crença nos tecnicismos, tudo isso termina por nos levar a convencer-nos de que, quanto mais neutros formos em nossa ação, tanto mais objetivos e eficazes seremos. Mais exatos, mais cientistas, nada ideólogos nem ‘jornalistas’, portanto. Não quero negar a possibilidade de um especialista estranho ao contexto onde se deu ou onde se está dando uma certa prática fazer parte de uma equipe avaliadora com acerto e eficácia. Sua eficácia porém vai depender da capacidade que tenha de abrir-se à ‘alma’ da cultura onde se deu ou se está dando a experiência e não apenas da capacidade, também necessária, de apreender a racionalidade da experiência por meio de caminhos múltiplos. Abrir-se à ‘alma’ da cultura é deixar-se ‘molhar’, ‘ensopar’ das águas culturais e históricas dos indivíduos envolvidos na experiência.” (FREIRE, 1991, p. 110)

Paulo Freire, que vivenciou e foi vítima da tragédia das ditaduras latino-americanas, dava um grande valor à questão da liberdade de imprensa:

Uma coisa, por exemplo, é a significação que pode ter a liberdade de imprensa para as populações famintas, miseráveis, de nosso país, e outra o que ela representa para as classes populares que já comem, vestem, e dormem mais ou menos. O trágico é que a liberdade de imprensa é absolutamente fundamental quer para os que comem, quer para os que não comem. (...) Muito dificilmente uma população faminta e iletrada, mesmo que às vezes tocada pelo rádio, pode alcançar, antes de comer, o valor para si mesma de uma imprensa livre. Uma vez exercido o direito básico de comer, a negação do exercício de outros direitos vai sendo sublinhada.” (FREIRE, 1994, p. 191)

Ao mesmo tempo, via abuso na maneira como muitas vezes a mídia usava esta liberdade:

Liberdade de imprensa não é licenciosidade de imprensa. Só é livre a imprensa que não mente, que não retorce, que não calunia, que não se omite, que respeita o pensamento dos entrevistados, em lugar de dizer que eles disseram A tendo dito M. Acreditando realmente na liberdade de imprensa, o verdadeiro democrata sabe, pelo contrário, que faz parte da luta em favor da imprensa livre a briga jurídica de que resulta o aprendizado ético, sem o qual não há imprensa livre.” (FREIRE, 1994, p. 188)

Além da ênfase na questão ética, Freire deixou outras pistas para uma reinvenção do jornalismo à luz do seu pensamento. Sem dúvida a primeira questão que lhe chamava a atenção nos meios era a questão do poder:

(...) os meios de comunicação não são bons nem ruins em si mesmos. Servindo-se de técnicas, eles são o resultado do avanço da tecnologia, são expressões da criatividade humana, da ciência desenvolvida pelo ser humano. O problema é perguntar a serviço de que e a serviço de quem os meios de comunicação se acham.” (FREIRE & GUIMARÃES, 1984, p. 14)

Neste sentido, Freire criticava a simulação de neutralidade que observava no jornalismo como na educação, conforme o depoimento do jornalista e seu coautor Sérgio Guimarães:

No fundo, a chamada neutralidade nada mais é do que a manifestação ideológica de um compromisso enrustido, ou seja: um órgão de comunicação que não quer manifestar claramente seu compromisso, que não quer reconhecer que tem um compromisso com determinado grupo ou com ele próprio, costuma sustentar a ideologia da neutralidade. Pelo menos isso é o que me parece fundamental destacar, entre os pontos que o Paulo desenvolve com relação ao problema da neutralidade. (SÉRGIO GUIMARÃES, depoimento in MEDITSCH; FARACO, 2003, p. 36-37)

Também é importante observar a crítica que Paulo Freire fazia à sintaxe dos noticiários:

(...) Como enfrentar o extraordinário poder da mídia, da linguagem da televisão, da sua 'sintaxe' que reduz a um mesmo plano o passado e o presente e sugere que o que ainda não há já está feito. Mais ainda, que diversifica temáticas no noticiário sem que haja tempo para a reflexão sobre os variados assuntos. De uma notícia sobre Miss Brasil se passa a um terremoto na China; de um escândalo envolvendo mais um banco dilapidado por diretores inescrupulosos temos cenas de um trem que descarrilou em Zurich." (FREIRE, 2000, p. 109)

Além disso, Freire também criticava o conservadorismo, o elitismo e a falta de atenção às políticas públicas por parte dos jornais brasileiros, conforme depoimento de Ricardo Kotscho:

Paulo mostrava-se frequentemente indignado com a visão conservadora da mídia brasileira no trato das questões sociais e o pequeno espaço dedicado à discussão de assuntos ligados à educação. Para ele, a mídia mostrava-se muitas vezes distante da realidade brasileira, falando da elite para a elite. Como ele viajava muito e gostava de se informar diretamente com os moradores sobre as condições de vida nas comunidades visitadas, fazendo o papel de um repórter, acabava tendo uma visão sobre a realidade brasileira conflitante com a retratada pelos veículos da chamada grande imprensa." (RICARDO KOTSCHO, depoimento em MEDITSCH; FARACO, 2003, p. 34)

Um quarto aspecto fundamental que Paulo Freire criticava dizia respeito à unidirecionalidade da informação jornalística, que a tornava "bancária" como a pedagogia que criticava, como lembra Sérgio Guimarães:



Ele costumava criticar muitas vezes a utilização da mídia não como meio de comunicação, mas como meio que se reduzia à transmissão de informações e “comunicados”, de maneira unidirecional. Aí, se você considera toda a crítica que o Paulo faz, através de uma ideia que ele desenvolveu bem, a educação bancária, você pode transferir essa crítica também à ação de diversos meios de comunicação que, ao invés de estimular a curiosidade, o exercício crítico por parte dos leitores, ouvintes ou telespectadores, na verdade exercem um mero trabalho de transmissão de informações, como se eles fossem latas vazias que devem ser preenchidas com determinados conteúdos.” (SÉRGIO GUIMARÃES, depoimento em MEDITSCH; FARACO, 2003, p. 35)

Embora não esteja explícita em sua obra, a analogia entre as práticas educacionais e jornalísticas no pensamento de Freire também é considerada válida para sua viúva, Ana Maria Araújo Freire, fundamentando-se na ideia de que informar também é educar:

Se você tivesse perguntado a Paulo Freire, ele diria ‘Claro, claro, claro!’ (...) Paulo tinha uma coerência entre o sentir, o observar, o pensar, o refletir e o agir. Ele não teria uma posição para determinada coisa e uma posição para outra. Quando ele fala na escola, na educação, ele está falando também nos meios de comunicação de massa. (...) A prática jornalística é também uma prática educativa. Educativa para o bem ou para a deformação, para a ética ou antieticidade, mas existe sempre como uma prática educativa.” (ANA MARIA ARAÚJO FREIRE, depoimento em MEDITSCH; FARACO, 2003, p. 41)

A opinião de Sérgio Guimarães é semelhante. Para ele, o ato de informar em si já implica um processo educacional:

A meu ver, não existe essa questão do “eu simplesmente informo”, ou “eu faço mais do que isso, eu educo”. Aliás, se há uma contribuição que nós fizemos, naquela reflexão sobre os meios de comunicação de massa – Sobre Educação – Diálogos Vol. II – foi justamente o exercício, que na época eu iniciei, de discutir com ele um aspecto que com certeza ele não havia tratado antes. Para mim, esta distinção – que poderia ser feita por alguns, entre o informar e o educar – não existe como algo separado. Não acredito que uma pessoa possa dizer que está apenas informando, sem que isso constitua, de uma forma ou de outra, parte de um processo pedagógico. Para que o indivíduo possa absorver determinada informação que um jornalista transmite, o leitor, o ouvinte, o telespectador precisa necessariamente desenvolver um processo de aprendizado, um processo

educativo, quer, repito, o jornalista esteja consciente, quer não. (SÉRGIO GUIMARÃES, depoimento em MEDITSCH; FARACO, 2003, p. 41)

### **3. O podcast como laboratório**

O pensamento de Freire aponta para a valorização do Jornalismo como uma “teoria do conhecimento posta em outra prática”, carregada de “sensibilidade da existência”, “ensopada nas águas culturais e históricas”. A partir desta visão podemos pensar na perspectiva de um Jornalismo Educador e emancipador. Para realizar plenamente sua vocação, o jornalismo precisa ser reinventado, com o enfrentamento da questão do poder (a favor de quem e contra quem é praticado); da superação da falsa neutralidade; do seu fechamento da elite para a elite; do desenvolvimento de novas sintaxes capazes de problematizar a realidade e de apresentá-la como dando-se e não como dada, e da superação da unidirecionalidade dos “comunicados” pela efetiva comunicação entre emissores e seus públicos, com ênfase nas vozes e nos públicos até agora excluídos do jornalismo de qualidade.

Por suas características de linguagem e produção, por sua autonomia em relação a várias das limitações da mídia hegemônica corporativa, como sua captura e manipulação por interesses privados (NIELSEN, 2017), o fetiche do tempo real e a precarização das condições de trabalho, o podcast emerge como uma possibilidade de expressão alternativa tanto para jornalistas das redações, quanto para iniciativas empreendedoras que inauguram a reconstrução do “jornalismo numa perspectiva pós-midiática”, propiciado pelas tecnologias digitais, a ser criado com o apoio da pesquisa universitária, como propunha e Meditsch (2010) há mais de uma década:

A crise do jornalismo, que ameaça os objetivos acordados internacionalmente para a era da informação, requer que a comunidade acadêmica da área recupere o seu duplo papel, como pesquisadores que sujam as mãos na realidade para melhorá-la, tanto no ponto-de-vista mais imediato, recriando técnicas e processos que se tornaram ineficazes, quanto no ponto de vista crítico, de afirmar

a necessidade e a possibilidade de transformação das estruturas para viabilizar a inclusão das maiorias na prometida sociedade do conhecimento. Para tanto, é preciso que se dedique a um estudo maior para a compreensão detalhada dos mecanismos de facilitação do acesso e de obstaculização da informação e do conhecimento, através das interfaces sócio-cognitivas estabelecidas nos campos jornalístico e midiático contemporâneos e nos seus sucedâneos que já estão sendo construídos. Quanto a um radiojornalismo pós-mídia, certamente ele é possível. Talvez não tenha este nome e é pouco provável que surja do rádio digital como concebido ainda hoje. A informação sonora do futuro será mais provavelmente um produto da criatividade coletiva que emerge da web. (MEDITSCH, 2010, p. 236)

Na efetivação desta criatividade coletiva que emerge no podcast não apenas como um rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), mas também como um jornalismo sonoro emancipado do meio que lhe deu origem, não é de forma alguma desprezível o conhecimento acumulado na experiência centenária do rádio, tanto pelo que foi capaz de realizar (como em KAPLÚN, 2017), quanto nas suas limitações, que podem ser agora ultrapassadas pelas tecnologias digitais, como na realização da célebre teoria de Brecht sobre o rádio como meio de comunicação (ZUCULOTO, 2005). Afinal, como aponta Eduardo Vicente (2021), o áudio é a novidade que o digital traz para o Jornalismo:

Como elementos comuns, esses podcasts se utilizam de músicas, ambientes e efeitos sonoros de forma sistemática e, principalmente, adotam um intenso trabalho de roteirização e edição que se aproxima das práticas de produção de documentários audiovisuais. Assim, o imediatismo e a instantaneidade são substituídos por um trabalho de cuidadosa elaboração, pela profundidade da investigação e por um investimento mais autoral dos realizadores na construção de suas narrativas e personagens. (VICENTE, 2021, p. 293).

O extraordinário interesse que o podcast despertou, desde seu aparecimento, na área acadêmica da Educação (são dezenas de textos acadêmicos da área de Pedagogia disponíveis na web), também pode ser uma ponte para restabelecer a interdisciplinaridade de Jornalismo e Educação perdida na origem de nossa área acadêmica. E esta ponte, viabilizando o acesso ao conhecimento daquela outa área, pode permitir que o estudo do jornalismo como

forma de conhecimento, inaugurado no âmbito brasileiro por Adelmo Genro Filho (1987) e que a questão da desinformação coloca agora no centro dos estudos de jornalismo em âmbito internacional (EKSTROM; WESTLUND, 2019) possa se expandir da epistemologia à pedagogia, ou da teoria do conhecimento a sua colocação em prática. A área da Educação tem experimentado o podcast como ferramenta de ensino-aprendizagem, e certamente pode nos trazer outras luzes através de suas reflexões sobre essas experiências.

Principalmente numa perspectiva que permita ultrapassar um jornalismo de qualidade feito apenas por e para “ricos, brancos e liberais” (USHER, 2021), como destaca o pedagogo Eugênio Freire:

A fim de ultrapassar o cenário descrito, a tecnologia de oralidade analisada fomenta o enfraquecimento do preconceito epistemológico que elenca a escrita como âmbito exclusivo do saber, colaborando, também, para a superação de concepções pedagógicas centralizadoras. A liberdade educativa do podcast ganha força pelo teor eminentemente humano do entorno nacional daquela tecnologia. A podosfera brasileira, por acatar as diversas manifestações dos Sujeitos que dela participam, oferece oportunidade única para que esses indivíduos exerçam plenamente quem são. Na verdade, levando em conta o perene teor inconcluso do ser humano, a referida tecnologia oferece uma chance para que os Sujeitos “sejam quem estão”. Se as perspectivas educativas do podcast contemplam os Sujeitos, “sejam quem estão”, igualmente os abarcam “estejam onde estiverem”. Desta feita, a utilização brasileira dessa tecnologia ressalta sua vocação para aproximar as pessoas a partir da expressão de vozes anteriormente excluídas, cuja reverberação vocal ocorre de forma ampliada além de seu espaço físico de emissão. (FREIRE, 2013, p. 282)

Eugênio Freire analisa a podosfera brasileira a partir de uma perspectiva freireana, e constata um bom potencial neste sentido:

O cenário de podcasts brasileiros, conhecido como “podosfera”, indica ser pautado pelo encontro expressivo dos sujeitos. Observa-se constantemente nesse âmbito a troca de falas entre eles, seja a recepção pelo público das expressões dos produtores de podcasts – denominados podcasters –, seja o envio de mensagens da audiência por vários meios: comentários em blogs, e-

mails, fóruns on-line. Em igual medida, é perceptível um fenômeno no qual diversos ouvintes acabam por inserir as suas vozes na podosfera, fundando os seus próprios programas, assim como são constatados casos em que membros da audiência passam a integrar as falas de um programa que escutavam. O crescimento desses acontecimentos ocorre em um cenário composto por podcasts que trazem abordagem de temas, posicionamentos e modos de expressão verbal diversos, marcando uma pluralidade vocal pouco vista em outros cenários tecnológicos, como o radiofônico em suas diferentes modalidades (FREIRE, 2016, p. 31).

#### **4. Um convite à experimentação**

O podcast emerge como uma mídia jornalística com potencial para realizar um Jornalismo Educador de perspectiva freireana. O interesse que desperta também na área acadêmica de Educação recobra a nossa atenção às semelhanças e diferenças entre Jornalismo e Educação como práticas de socialização de conhecimento, e sugere que muitos aportes da Pedagogia possuem aplicação em nossa área. Entre eles, certamente a concepção freireana da Educação e a crítica que faz à mídia e ao jornalismo dominantes por sua postura política antipopular, sua licenciosidade ética, sua linguagem e conteúdo elitistas, sua sintaxe alienadora e sua imposição “bancária” de comunicados.

Passível de ser produzido com tecnologias abertas e equipamentos de baixo custo, o podcast emerge como um meio de expressão para conteúdo jornalístico ao alcance de qualquer profissional e de organizações de todos os portes. O potencial de autonomia que possui em relação à mídia hegemônica corporativa coloca a podosfera numa posição privilegiada em relação à esfera pública para a veiculação de temas, abordagens, vozes e vivências ignoradas pelos critérios editoriais daquela mídia ou mal cobertas pela mesma.

Essa potencial autonomia tem consequências não apenas políticas, mas também editoriais e estéticas. Um Jornalismo Educador pode e deve superar as falsas categorias de conhecimento representadas por editoriais fossilizadas (Política para políticos, Economia para empresários, etc), para, numa perspectiva freireana, buscar em seus públicos as “situações

existenciais” que necessitem ser pautadas, e em diálogo efetivo com eles, a partir de um estudo de seu “universo vocabular”, então “problematizadas”. Neste processo, os critérios tradicionais de noticiabilidade tendem a ser alargados e transformados em novos critérios de reportabilidade, de entrevistabilidade, de debatibilidade, de documentariedade, ou das demais formas de expressão jornalística a que a experimentação sintática concreta puder conduzir ou inventar.

A autonomia da comunicação sonora em relação à palavra escrita (e fora dos limites e padrões impostos por uma programação de rádio), sem perder o poder de abstração próprio da palavra, e enriquecida pelo subtexto de entonações, música, ruídos e silêncios, pode abrir caminho para a reinvenção da linguagem jornalística que de outra forma pena por sua formalidade, conservadorismo e elitismo, além de incluir vozes e ouvidos até agora fora do alcance do jornalismo de qualidade. Além disso, a autonomia em relação ao tempo real recobra condições de produção há muito abandonadas (ou quase isso) pela condição precarizada das emissoras de rádio, devolvendo o potencial da montagem, como recurso de edição e expressão, num nível comparável ao do cinematográfico (como observava Arnheim (1936) em seu capítulo sobre a necessidade do filme sonoro).

Por toda essa condição, o podcast representa hoje um convite à experimentação de um Jornalismo Educador, experimentação essa que muitas profissionais e organizações já ensaiam, e que a universidade tem o desafio de acompanhar e, se calhar, de liderar.

### Referências

- Arnheim, R. (1936) *Radio*. Faber & Faber.
- Cerqueira, L. (2018) *A função pedagógica do telejornalismo*. Insular.
- Dewey, J. (1965) *Vida e Educação*. Melhoramentos.
- Ekstrom, M; Westlung, L. (2019) Epistemology and Journalism. In: *Oxford Research Encyclopedia*. Oxford University Press.
- Empinotti, M.; Paulino, R. (2018) *Aproximações entre jornalismo e educação*. Comunicação & Educação, XXIII (1), 53-63.
- Freire, E. (2016) *A comunicação/educação freireana na podosfera brasileira*. Comunicações, 23 (2), 29-52.
- Freire, P. (1991) *A Educação na Cidade*. Cortez.
- Freire, P.(1994) *Cartas a Cristina*. Paz e Terra.
- Freire, P. (2000) *Pedagogia da Indignação*. Editora Unesp.
- Freire, P. GUIMARÃES, S. (1984) *Sobre Educação*. v. 2. Paz e Terra.
- Freire, P. GUIMARÃES, S. (1987) *Aprendendo com a própria história*. Paz e Terra.
- Freire, P.; SHOR; I. (1987) *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Paz e Terra.
- Genro, A. (1987) *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Tchê.
- Ijuim, J. (2013) *Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem*. Livros LabCom.
- Kaplún, M. (2017) *Produção de Programas de Rádio*. Insular.
- Kearl, B. (1944) *The science of journalism: an analogy with education*. Journalism Quarterly, 21 (2), 153-156.
- Kischinhevsky, M. (2016) *Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação*. Mauad X.
- Meditsch, E. (2003) *Filosofia de Paulo Freire e práticas cognitivas no jornalismo*. Comunicação & Educação, 27, 15-30.

Meditsch, E. (2010) A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: MAGNONI, A.; CARVALHO, J. *O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital*. Senac.

Meditsch, E.; Faraco, M. (2003) O Pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. 26 (1), 25-43.

Meditsch, E.; Kronbauer, J. (2021) *Contratos comunicativos no ensino formal e no jornalismo* : uma análise comparativa entre agências socializadoras de conhecimentos. *Comunicação & Educação*, XXVI (1)1, p. 42-53.

Nielsen, R. (2017) Media capture in the digital age. In: Schiffrin, A. (ed.). *In the Service of Power: Media Capture and the threat to Democracy*. Center for International Media Assistance.

Oliveira, D. (2017) *Jornalismo e Emancipação* . Appris.

Usher, N. (2021) *News for the rich, white and blue*. Columbia University Press.

Vicente, E. (2021) *A grande novidade do rádio na internet é o... áudio*. Rumores, 15(29), 277-299.

Vizeu, A. (2014) *Jornalismo e Paulo Freire: o conhecimento do desvelamento* . Revista Famecos , 21(3), 860-877.

Zuculoto, V. (2005) *Debatendo com Brecht e sua teoria do rádio* . In: MEDITSCH: E. (org.) Teorias do rádio: textos e contextos. Insular.

Nota Final: Este texto resulta de pesquisa apoiada pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CNPq).